



↑

El puente
2004-2008
Oscar Muñoz

Mariano Horenstein*

*Calibán -
RLP, 18(2),
17-33
2020*

Analisar como um avatar**

«

*Por todas as partes do mundo as coisas estão mal,
por que a análise teria que estar melhor?*
S. Freud, 1934

O saber tem estatuto provisório, é feito para ser questionado, para se desfazer, complexizar-se, refazer-se uma e outra vez. Mas não acontece em muitas oportunidades que possamos construir saber em meio a fenômenos que ainda não estão totalmente construídos. Pensamos em meio ao fragor dos fatos, no instante de perigo do qual falava Walter Benjamin, da trincheira. Pensamos, porque nosso trabalho é pensar, ainda quando pensar de maneira acabada seja uma tarefa impossível. Enquanto pensamos como podemos no que ocorre, devemos estar alertas ao aniquilamento, à repetição de lemas, ao medo paralisante. Devemos pensar enquanto mudamos, pensar para mudar melhor. Nada ficará cristalizado se queremos que a psicanálise seja capaz de dizer algo de acordo com os tempos que correm, e ganhar assim seu direito à sobrevivência.

Tentarei pensar na situação na qual uma pandemia nos colocou enquanto analistas. Para isso é preciso abandonar a saudade de um paraíso perdido e evitar a nostalgia de um passado presencial, dispondo-nos a examinar uma realidade nova com espírito livre e crítico. A nova realidade não deveria ser considerada de antemão uma versão degradada do que sabemos e amamos fazer.

Enquanto é impossível –e talvez inconveniente– discernir teoricamente algo que está ocorrendo no presente, este texto será provisório, escrito em um livro de areia, no cristal líquido de uma tela. Conjecturado em meio a uma mutação, não fará afirmações taxativas, apenas a crônica de uma mudança, tentando precisar suas coordenadas.

Frente aos 120 anos de história da psicanálise, a experiência clínica com o avatar é recente e escassa. No entanto, há meses contamos com uma inesperada vantagem, que é sua generalização. Obrigados pelas medidas de confinamento, estendeu-se universalmente. O fato de que quase todos os analistas tenham trabalhado em poucos meses por meio de novos dispositivos é uma experiência inédita, intensa e nova. Conta-

* Asociación Psicoanalítica de Córdoba.
** Prêmio Fepal 2020.

mos então com uma jazida de experiências em estado bruto que recém começamos a explorar¹.

Como tento pensar uma clínica em movimento, incrustarei vinhetas clínicas em construção, que não buscam reconduzir o que ocorre ao já sabido, mas deixá-lo instaurado, aberto ao que está por vir, cenas clínicas do futuro.

O analista como avatar

É habitual falar de *avatars* como peripécias, seja de um tratamento ou da vida. O que me proponho é resgatar a figura do avatar como circunstância em si mesma: como figura a encarnar pelo analista, o que oferece no ciberespaço enquanto objeto transferencial.

Um avatar é uma personalidade fictícia, um tipo de dublê virtual, habitual em videogames². Mas essa linda palavra de origem indiana³ implica algo diametralmente oposto: em sua origem não se trata de uma virtualização, de uma espiritualização de algo material, mas ao contrário, a encarnação de um deus em um corpo terrenal. Ou seja, uma materialização do espiritual. Na transferência, os psicanalistas estamos acostumados a encarnar, com nossos corpos estáticos, nossos gestos austeros e nosso silêncio, os pequenos deuses que habitam –às vezes tortuosamente– em quem nos consulta. Pelo menos em um plano imaginário, a transferência não é outra coisa senão o desdobramento de imagens históricas em um corpo –um avatar– que lhes serve de suporte.

Se nos acostumamos a pensar no analista como um avatar –e avatar aqui é mais que uma metáfora ou, em todo caso, o que toda metáfora é: uma viagem⁴– não estamos longe de pensar em uma análise que se desligue das condições habituais do enquadre⁵. Não para se tornar uma prática sem regras, mas para resgatar uma série de prescrições contratuais que, com o tempo, foram complexizando seu núcleo duro, inegociável: o que forma o cerne do dispositivo, pode-se dizer, são apenas umas poucas regras: a que indica como falar (associação livre), como escutar (atenção flutuante) e o referente ético que possibilita tais modos, inéditos até Freud, de falar e de escutar (abstinência).

Enquanto estas regras que sustentam o dispositivo analítico se mantiverem, podem ser imaginadas múltiplas variações da análise. Inclusive que, como avatar, o analista possa ser convocado como o gênio da lâmpada, esfregando não a lâmpada, mas sim o telefone celular, para que apareça, se não para realizar desejos, em todo caso para escutá-los.

Mesmo tendo voltado ao consultório, a impressão de nos termos pensado como avatares talvez nos acompanhe. E não voltaremos a ser os mesmos, ainda que sentados em nossas poltronas, escutando velhos analisantes novamente deitados em seus divãs.

1. Seria como se, de repente, as criptoemendas digitais, vigentes há tempo, mas ainda de uso marginal, se convertessem no único meio de pagamento, de câmbio e de reserva de valor em todo o mundo, relegando ao dinheiro – físico e eletrônico – um lugar quase histórico.

2. E nisto que é algo mais que um videogame, *Second Life*, onde alguém constrói uma versão digital de si mesmo, por meio da qual cria uma vida idealizada, muito menos prosaica que a real.

3. Palavra de origem sânscrito, encarnação terrestre de um deus.

4. Na Grécia, conta Pascal Quignard (1996/2012) em "El canto de las sirenas", os caminhões de mudanças tem inscrita na carroceria a palavra *metaphora*. Metáfora significa "viagem". Contar a psicanálise de modo metafórico é então incluir na enunciação de qualquer coisa que se diga – seja a interpretação de um conceito teórico, uma conferência ou uma vineta clínica – o que também costuma estar nas entrelinhas dos enunciados. A viagem faz parte substancial da prática, da disciplina, da formação do analista.

5. Imprescindíveis tanto para a organização do analista como do analisante, mas além de como se conceitualize sua necessidade como *setting* do analisável.

A análise é uma prática anacrônica e analógica. Que seja anacrônica não implica necessariamente uma dificuldade, e talvez seja um dos propulsores de sua eficácia. Seu caráter analógico é evidente sob todos os aspectos; surgida em uma Viena onde a razão moderna explodia graças às descobertas de Freud⁶ e sua genial invenção, um simples dispositivo de escuta que tem se mantido parecido ao original depois de um século de vertiginosos avanços tecnológicos.

Se certo anacronismo é uma marca a ser sustentada, seu caráter analógico está sendo posto à prova hoje em dia. A contemporaneidade estragou a modernidade sólida que embalou quem participou da revolução freudiana para dar lugar a uma pós-modernidade líquida⁷ que nos obrigou a rever nossos fundamentos. Mas hoje nem ao menos estamos nesse ponto. Como previu Karl Marx, *tudo que é sólido se desmancha no ar*. Então, pouco durou a pós-modernidade líquida, e já estamos lidando com uma contemporaneidade gasosa que encontra no ciberespaço, um lugar virtual mais que físico, o cenário onde se desenvolver. Ali estamos nós, desajeitadas criaturas analógicas, convertidas em avatares, encarnações digitais com as que devemos nos identificar operacionalmente para conduzir análises remotas.

Os psicanalistas não somos, por uma questão geracional⁸, nativos digitais. Fazer passar uma prática analógica ao universo digital⁹ recupera uma nota fundamental de nosso ofício e crucial na formação analítica, a da estrangeiridade. Frente ao digital, aquela pátria na qual nossos filhos nasceram, somos estrangeiros. E é como estrangeiros, analógicos e anacrônicos neste novo mundo ciberespacial que, com sorte, conseguiremos sustentar um modo de escuta inédito. Um modo de escuta que permita que quem se entregue a ele encontre seu próprio estilo. Que possibilite que alguém chegue a ser o que é¹⁰.

O escamoteio do real

*Trabalhar cansa*¹¹, esse é o nome de um poema de Pavese (1936/2019) que vem ao caso no que ocorre com o trabalho virtual, que cansa como qualquer trabalho (nisso pareceria haver consenso entre analistas), mas cansa ainda mais.

Então, analisar realmente deveria ser um trabalho que cansa?

Uma velha piada nova-iorquina conta o episódio de dois analistas, um velho e experiente, e outro jovem e entusiasta, que têm seus consultórios no mesmo edifício de Park Avenue. Ambos se encontram diariamente no elevador, ao término de uma longa jornada de trabalho, com notável diferença de aspecto: enquanto o analista *senior* está radiante, descansado e impecável, o jovem parece esgotado, desarrumado e com olheiras. Certa vez, o jovem não pode mais controlar sua inquietação e pergunta a seu colega mais velho:

–Desculpe-me, ambos iniciamos a trabalhar cedo. Ambos vamos embora na mesma hora e imagino que, como eu, o senhor deve escutar

6. Enquanto isso outros faziam uma outra parte nos campos do pensamento e da arte, da arquitetura, da literatura ou da música, como Wittgenstein, Schiele e Klimt, Loos, Musil ou Schönberg.

7. Explorada por Z. Bauman e, entre nós, Marcelo Viñar.

8. Ao menos, não ainda.

9. E, em um sentido, analisar como avatares implica nisto.

10. Como dizia a sentença do velho poeta grego Píndaro em uma frase que atravessou 2500 anos.

11. N. do T.: Tradução de Santana, M. Título traduzido para a edição de Pavese, C. (2009). *Trabalhar Cansa*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1936).

muitos pacientes. E, tanto como eu, escutar seus lamentos e o mal-estar de toda a cidade que vem com eles... E olhe para mim, estou acabado, esgotado, e o senhor está como se não tivesse acontecido nada...

Então, o analista experiente olha para o analista jovem, e lhe diz:

– Escutar? Quem escuta?

Como toda piada, esta traz escondida um pouco de verdade. Analisar é um trabalho? O que é escutar em psicanálise?

Analisar sem dúvida é um trabalho – impossível, pensava Freud, mas, no final das contas, um trabalho – e a melhor prova disso, mais além do fato evidente de que ganhamos a vida praticando-o, é que fazê-lo de forma gratuita é muito complicado, quando não verdadeiramente impossível. E isso, por razões estruturais, intrínsecas a seu método e ao que coloca em jogo, e não por mera mesquinha capitalista. Nem a caridade nem a filantropia costumam ser boas aliadas da análise, e ainda que um analista tivesse sua subsistência garantida, dificilmente poderia realizar de forma segura sua tarefa sem que quem se analisa pague.

Quanto? Isto se verá, desde que pague. Com que moeda pagar, inclusive, também pode ser pensado. Desde que pague. Os analistas de crianças e adolescentes sabem a importância que tem o fato de que quem se consulta pague de algum modo por seu trabalho (por paradoxal que pareça, os analisantes – como os ludibriados por Tom Sawyer – *pagam para trabalhar*¹²), ainda que seja com guloseimas ou com um esforço monetário¹³.

Agora, analisar, deveria cansar? O núcleo de verdade que se encerra na piada é que com o trabalho de analisar ocorre como com a arte da natação. Dar braçadas e respirar com fúria de principiante costuma esgotar o nadador e fazer com que fracasse frente a um competidor experiente que gradue melhor seu esforço, com menos teatralidade e desperdício de seus recursos físicos. A sabedoria do velho analista não diz na verdade que não seja preciso escutar – quem pagaria para não ser escutado? –, pois qualquer um que tenha experimentado sabe que em nenhum lugar se escuta como em uma análise.

Sua ironia indica que há um modo apropriado de escutar, consubstancial da única indicação – junto com a abstinência – que lhe reserva o método a quem o pratica, a de uma atenção igualmente flutuante, *que não se esforce* em reter nada, que não privilegie nada, exigindo do ouvinte que desapareça como sujeito para se converter em pura escuta. Assim como em um velho filme de Woody Allen aparecia um seio gigantesco, a figuração do analista seria uma grande orelha, sua presença reduzida a uma orelha que escuta, esse terceiro ouvido sobre o qual falava Theodor Reik (1948) e que por momentos se converte em único. Esse modo particular de escuta se adquire com a experiência.

Qualquer analista experiente sabe que há um modo de se situar no dispositivo que, ainda que encerre outras dificuldades¹⁴, é relaxado e nos permite trabalhar longas horas, escutando relatos tortuosos ou situa-

12. O pequeno vigarista inventado por Mark Twain (1876/2016) tinha sido obrigado a pintar uma cerca, mas consegue converter esse castigo em um privilégio aos olhos dos outros jovens, que, inclusive, estão dispostos a pagar para que eles mesmos realizem o trabalho.

13. Isto é sabido também por quem analisa pessoas com cobertura de sistemas de saúde – estatais, paraestatais ou privados –, que não pagam diretamente os honorários a quem os analisa. A infinidade de dificuldades que enfrentam para converter esse trabalho em analítico dá conta de que a psicanálise não se dá bem com a posição de credor que toma o paciente nesses sistemas e que muitas vezes faz naufragar as melhores intenções analíticas.

14. Dificuldades ligadas ao desaparecimento da subjetividade do analista para se tornar disponível para funcionar como semblante dos objetos de seus múltiplos analisantes.

ções angustiantes que a um leigo deixariam de cama. Então, isso ocorre quando falamos da psicanálise como um encontro presencial, o de dois corpos em um mesmo espaço físico. O que ocorre em um encontro virtual, quando cada um dos corpos em jogo está em outro espaço, em outra geografia ou inclusive em outro fuso horário? O que ocorre para que a experiência resulte tão esgotadora para quem escuta?

Proponho uma hipótese: as dimensões – *ditensões*, escreveu Lacan para destacar a importância do *dizer* como nosso assunto principal – da análise não podem se reduzir nem se achatar. Quando trabalhamos como avatares, a indubitável pregnância potencializada do registro imaginário não dilui o papel chave do simbólico, mas sim o real em jogo, que se escamoteia ainda mais facilmente do que em um encontro físico. Então é quando a presença foracluída escamoteada no trabalho do analista como avatar, retorna no real de seu cansaço¹⁵.

Ainda que talvez não seja este o único modo no qual o real aparece nos tratamentos digitais. É pertinente reparar, na hora de pensar a análise virtual, na óbvia ausência dos corpos. Freud insistia que não podia se derrotar nenhum fantasma *in absentia* ou *in effigie*, e está claro que analisar como um avatar torna evidente a ausência e nos converte, de algum modo, em *effigies*. Lacan pôs muita ênfase na necessária presença do analista, em sua encarnação real para que, entre outras coisas, as análises pudessem ser terminadas. Então? Analisar desse modo implica nos condenar – analistas e analisantes – a análises inacabadas, análises de campanha, improvisadas, melhor que nada, mas ao mesmo tempo distantes das desejadas análises *comme il faut*? Francamente, não sei, e talvez seja prematuro responder essa questão agora, se evitarmos uma resposta reflexa a partir do autoritarismo e da nostalgia.

No entanto, resta muito por explorar. Por um lado, no momento de hierarquizar a presença da pulsionalidade por meio do olhar e principalmente da voz. E por outro lado, não se pode descuidar da presença real remota. Pois, de que se trata na presença do analista? De seu registro real, enquanto objeto, resto pulsional e descartável no final da tarefa realizada. É possível recriar essa presença de outra forma? A pergunta pode soar tão especulativa como a de se é possível recriar odores à distância, algo que hoje sabemos que sim, se pode fazer¹⁶.

Basta aproximar-se do filme *Her* (Jonze, Elliso e Landay, 2013) para compreender o calibre de perguntas que analisar como um avatar põe sobre a mesa. Ali, apenas uma voz – Samantha –, a de um sistema operati-

15. Haruki Murakami (2007/2010), o escritor japonês concebe a autêntica tarefa criativa como um modo de processar toxinas. Essas toxinas – inerentes à existência humana e sem as quais nenhuma história pode ser inventada – são as que resgatará arduamente o artista de seu interior. A manipulação das toxinas para convertê-las em arte exige um estado de saúde muito bom. Por isso, além de escritor Murakami é maratonista e leva uma vida saudável, algo que o afasta do estereótipo de escritor maldito, aquele que pode dizer algo do inferno apenas porque o transita diariamente em uma boemia penosa e desregrada. O analista também processará toxinas, e inclusive de um modo mais amplo que o artista, pois deve processar, além das próprias, as toxinas de outros. Ele as processa com sua mente e com seu corpo, mais ou menos com êxito – como o ilustra o encontro entre os analistas nova-iorquinos – e de diferentes formas, por exemplo, escrevendo. Talvez a prática de analisar como um avatar gere um novo tipo de toxinas que devemos aprender a identificar e neutralizar, sabendo que o cansaço físico – um modo de retorno do real a partir de nosso interior daquilo que escutamos atrás das telas – é seu testemunho principal.

16. Vale pensar também no que ocorre com a música. Está claro que escutar nossa banda preferida ao vivo não é a mesma coisa que fazê-lo em um disco. Há uma dimensão da experiência inerente ao encontro ao vivo – ainda que o cantor esteja a cem metros de nós – que é única. Ao mesmo tempo, nosso contato físico com ele é limitado, tanto como o é, o que sustentamos analisantes e analistas em um encontro presencial. Quando ligamos um aparelho de som e escutamos a canção de que gostamos, há um mediador que pode se fetichizar ou não (pois, inclusive em um show de rock, a voz do cantor nos chega através de mediações). Mas essa voz, que foi gravada em um estúdio, com certa assepsia e mediada pelos suportes e meios de reprodução, se recria quando a ouvimos em nossos aparelhos. Algo do físico se teletransporta assim, como se teletransportam os corpos em velhas séries como *O túnel do tempo* ou *Jornada nas estrelas*. E algo da emoção se restaura, um modo da presença pulsional do cantor se faz presente e invade o cômodo.

vo adaptado à singularidade do usuário e suas expectativas, converte-se em figuração dessa encarnadura transferencial que faz de uma entidade desconhecida e disponível, ao modo do resto diurno que o analista encarna, a tela receptiva de inumeráveis projeções.

Haverá forma de incluir o real na análise virtual ou o par virtual/real será mutuamente excludente? Talvez um breve recorte clínico nos sirva de pista.

Alguém liga para seu analista, como se acostumou a fazer nos últimos meses. Previamente à ligação, uma mensagem de texto lhe serve para ratificar as coordenadas. O que recebe como resposta o deixa gelado: as letras de seu analista demoram em ser escritas, e quando aparece a resposta, ele diz que escreve de uma clínica, internado por causa do vírus que fez com que se telefonem em vez de se encontrarem. O analisante, imaginando a idade do analista que o inclui automaticamente no grupo de maior risco, fica comovido. Do leito do doente, o analista sente ainda com forças para interpretar: “Estou bem – diz – recuperando-me. Ainda que, nunca se sabe. Isso é dia a dia. Nunca se sabe o que vai acontecer”. Finalmente, o analista conseguirá sair vivo do hospital, um resultado nada assegurado nestes tempos.

Então, nada que o analisante se lembre de sua longa temporada prévia de análise presencial tornou tão evidente a presença do analista como sua vulnerabilidade patente no outro lado da linha telefônica. Paradoxalmente, a distância de repente se diluía e uma presença virtual real tinha conseguido penetrar em meio à feroz pandemia. Aparecia um afeto real vindo da distância implicada no virtual.

O novo vírus aparece com variadas e geralmente horrorosas vestes imaginárias, e em sua replicação há uma ordem simbólica, biológica, que o ordena (de forma diferente a de um vírus ao que estamos mais acostumados, o da linguagem). Mas o vírus é também, e principalmente, encarnação do real sempre inapreensível. Se o analista aparece como um avatar, é porque existe um vírus que irrompeu em, e a partir do real.

Sente-se o calor do fogo através de uma tela?

A noção de experiência é chave em psicanálise. Não apenas porque se analisar é uma experiência transformadora, mas porque surge em um momento no qual – como descreveu Benjamin – a experiência mesma tinha se destruído. Podemos falar de uma experiência digital, ou é um oxímoro?

Pode se pensar a transferência como um fogo, e essa incandescência é tanto motor do tratamento como possibilidade de tropeços. As paixões transferenciais, o amor que se joga necessariamente em cada análise por momentos queima. Boa parte do *savoir faire* do analista se joga no modo em que *administre* essa transferência.

A presença do analista na análise acende esse fogo. Uma descrição acertada do desejo do analista surgiu quando Charles Melman (2001/2003) identificou nosso lugar com o flogisto¹⁷. Antes disso, Freud explicava ao bom pastor Pfister que um analista devia se comportar como um “mau sujeito”, interessado apenas em sua arte e não nas razões do bem comum. Devia se comportar como o pintor – lhe escrevia Freud – capaz de queimar os móveis de sua família para que seu modelo não

17. O flogisto – palavra grega que designa o inflamável – era um princípio imaginário, alquímico, ingrediente essencial para que algo arda. O analista é o flogisto, arde com seu analisante.

passasse frio (Freud e Pfister, 1966, p. 36). Esse fogo, alimentado pelos impulsos e desejos reprimidos do paciente e o desejo que obra no analista mais além da singularidade de sua pessoa, é combustível para a cura analítica, fonte de energia que se renova cada vez que alguém fala.

Continua havendo fogo quando analisamos como avatares digitais? Talvez sim, mas com características particulares. Talvez convenha apelar a uma imagem para estabelecer a diferença entre o fogo digital e o analógico: fazer fogo com lenha implica alguma aspereza, algo rude, leva tempo o esforço para acendê-lo, produzem-se cinzas e fuligem como efeito da combustão, é preciso renovar a lenha, atizar o fogo. Faz tempo que os designers notaram esses desconfortos e começaram a aparecer lareiras que aparentam ter lenha, mas que o que têm são queimadores alimentados por gás, que produzem chamas, às vezes atrás de um vidro.

O calor produzido por essa chama não é diferente, como fonte de calorías, daquele produzido por uma lareira à moda antiga, e provavelmente seja mais eficiente. Ao mesmo tempo, algo substancial na psicanálise como prática anacrônica e analógica se perde ali.

Uma perda irremediável que será necessário que sejamos capazes de suportar. Quando a música ou os filmes se converteram em um pacote de *bits*, aptos para atravessar fronteiras e chegar mais longe que nunca, houve uma perda equivalente. A qualidade analógica do vinil ou do celuloide não se compara com a de seus sucessores digitais. E analisar como avatar digital implica padecer as mesmas consequências. Analisar-se com um avatar talvez seja uma experiência menos interessante a partir do ponto de vista do deciframento dos sintomas, do rastreamento das causas, da reescritura da história, ou seja, enquanto um trabalho no simbólico. Uma conversa pode se sustentar à distância ainda com encanto. Mas, o amor? O ódio? O amor de transferência digital se parece, mas não é igual ao encarnado. Aparentemente, uma tendência assegura que a telemedicina irá se impor, mesmo quando acabarem as restrições que a pandemia estabelece. Se observarmos bem, diminuir o contato físico, a exposição a germes que circulam em sanatórios ou salas de espera, tem um lado razoável. Em nossa prática talvez seja diferente.

A análise é realizada fundamentalmente mediante palavras e silêncios que escandem e pontuam as palavras, que ao se combinarem produzem sentidos, com sorte, novos. Ao mesmo tempo, nenhum teórico em psicanálise jamais se aventurou a que tudo possa ser colocado em palavras: noções tão heterogêneas como *O* em Bion, o *Real* em Lacan ou o *mais além* freudiano dão conta de que, em qualquer teorização, é preciso estabelecer um lugar para aquilo que permanece – por impossibilidade conjuntural ou estrutural – fora da ordem do que possa ser dito.

As palavras que são proferidas em uma análise – fundamentalmente, as do analisante, mas também as do analista – tecem entre si um tipo de partitura, e cada sessão tem um tom e um *tempo* diferentes aos de outra sessão com outro paciente ou inclusive o mesmo paciente. O silêncio, esse grande protagonista da psicanálise, não está alheio à estrutura que governa as palavras, pelo menos certo tipo de silêncio. Algo similar ocorre com o que se chamou historicamente pré-verbal, essa panóplia de gestos, muitas vezes inadvertidos, que faz parte de nossos níveis de comunicação mais primitivos e universais. Há gestos que transcendem as línguas e as fronteiras, e oferecer a mão ou sorrir abre portas onde quer que se esteja, enquanto mostrar os dentes ou se distanciar tem o sentido oposto. O ter-

ritório do pré-verbal ou do não-verbal não necessariamente é incompatível com o verbal, cai dentro de sua mesma lógica e se submete às mesmas regras, as da linguagem. Mas é evidente que ainda que muitos gestos se rendam à estrutura da linguagem, não o fazem do mesmo modo.

Em análise fazemos o possível para levar ao moinho do que se diz tudo o que possa ser eventualmente dito. A máxima freudiana de lembrar em vez de repetir implica que a colocação em palavra retarda ou limita a mortífera repetição. No entanto, como analistas percebemos uma infinidade de significantes (gesticulações, demoras, transpirações, eritemas, vozes embargadas, prantos ou sorrisos, tremores ou espasmos, movimentos ritualizados, tiques ou uso de certas roupas ou trajes, para citar somente alguns) que não são palavras e que, porém, estão sujeitos à ordem da palavra.

Quando trabalhamos para tornar possível que seja dito tudo o que estruturalmente pode ser dito, estendemos a zona costeira, construímos praias artificiais ou plataformas de sentido em torno de um buraco – o do não dizível, aquilo refratário ao imperialismo do significante – que pretendemos o menor possível. Esse aspecto de nossa tarefa não muda muito se a exercemos de forma presencial ou virtual.

Não obstante, quando trabalhamos de forma virtual, mais ainda se não apelamos ao uso da imagem¹⁸ e a análise cursa como um intercâmbio de vozes – outra forma de nomear a palavra também – e silêncios, (nos) obrigamos a que mais do habitual participe desse registro, forçamos uma série de sutis sugestões da linguagem dos corpos ou dos gestos a que se expressem – às vezes, desajeitadamente – em palavras faladas porque se não automaticamente ficam fora de campo¹⁹.

Quando analisamos como avatares, precisamos converter à força as diferentes moedas nas que alguém se expressa em uma só ou, no máximo, em duas: o que se pode dizer, o que se pode mostrar no quadro de uma tela. Que não é tudo o que pode ser dito, nem tudo o que pode ser mostrado quando se amplia o quadro e se inclui a cena completa. Que não é o que se pode cheirar ou o que se pode apalpar quando os corpos se encontram.

Como a transferência funciona como um turbilhão que devora e direciona no sentido do analista, a situação analítica virtual exerce uma pressão para que mais e mais coisas entrem pelo conduto, muito mais reduzido do que o oferecido com nossa presença habitual nos consultórios. Esta marcha forçada para as comunicações de quem se analisa, que obriga a uma atenção forçada por parte de quem recebe, aumenta o cansaço, obrigando analista e paciente a um trabalho maior, diferente.

Talvez também – não vejo porque descartar em caso de que a atual situação perdure – modifique as características da espécie falante, a nossa, e desenvolvamos adaptações evolutivas onde o que não entre no espaço da tela e dispositivos de som vá ficando relegado, não se transmita a gerações sucessivas, seja parte da mutação em curso. E nos tornemos uma espécie com menos dimensões do que temos sido até agora.

Consciente da recomendação freudiana da reanálise, analisava-me há alguns anos. Interrompidos os voos, tinha excluído a possibilidade

18. Há um elemento um pouco desatendido: o analista não apenas vê seu paciente em uma chamada de vídeo, mas também pode ver a si mesmo, a uma imagem de si mesmo. Poderá lhe servir para modular a voz e os movimentos, para corrigir o tom como se fosse o retorno de um músico no cenário ou um espelho no qual o ator ensaia seu personagem? É de algum modo a introdução de outra estranheza e a figuração do desdobramento a que trabalhar como um avatar obriga.

19. Fora de campo é uma noção cinematográfica interessante. O analista, por enquanto, está fora de campo no discurso de um paciente estendido falando em um divã, e nem por isso determina – ou protagoniza, inclusive – menos esse discurso. Coisas que ocorrem fora de campo muitas vezes são centrais em um filme ou em uma peça de teatro, e a subtração do registro visual muitas vezes aumenta sua potência afetiva.

de continuar a análise por telefone. A distância me beneficiava, sempre tinha viajado a outro lugar para me analisar e a viagem era parte da análise. Impedido de fazê-lo, sem urgências, não me apressava em retomá-la.

Em certo momento, uma situação conflitiva menor – ainda que, em nosso campo, como saber o que é o menor e o que é o maior? – Deu-me motivos e chamei, como um caçador de repente caçado na virtualidade. Imaginava que a meu analista como a mim, resultaria mais suportável uma conversa telefônica que um *videochat*.

Meses depois de ter estado em seu divã pela última vez, contei-lhe sobre meus assuntos. “Não gosto de falar por telefone – lhe dizia –, e agora pareço um operador de *call center*”. Do outro lado, podia imaginar alguém que gostava tão pouco quanto eu de falar por telefone. Uma surpresa, que tinha constatado já em minha prática: sem presença física, sem imagem, meu analista era obrigado a falar mais. O único modo de saber de sua presença era escutar sua voz. O trabalho em uma análise é sempre compartilhado, mas, muitas vezes, quando a coisa funciona bem, é fruto mais da tarefa do analisante do que da escuta aguda e amável que a torna possível. Um contraponto mais intenso se produzia entre ambos, a ideia de trabalho a duas vozes passava a um primeiro plano. O intenso intercâmbio, com o incômodo imposto pelo uso do telefone e a celeridade das réplicas, produziu, fez aparecer, um ato falho de minha parte, um que ratificava o que meu analista acabava de me interpretar. Não sei bem se me escutou ou não, o que sim sei é que eu mesmo me escutei. Ainda que tenha seguido, segui-mos, falando um pouco mais, a sessão tinha terminado.

O mesmo enquadre que obrigava meu analista a intervir mais do que o habitual fazia com que eu tentasse falar mais do que o habitual, que convertesse o que me ocorria na única matéria que atravessaria o espaço telefônico que me separava de quem me escutava: palavras faladas. As palavras que Caio Tito²⁰ pronunciou frente ao Senado romano reverberavam: sim, as palavras voam. A peremptoriedade se fazia presente, via-me obrigado a dizer tudo o que tinha por dizer, ainda sabendo da impossibilidade de dizer tudo. Devia converter toda a energia de meu corpo, todo assomo de conflito, em palavras ditas. Tudo o que não entrasse nesse formato de ferro não seria registrado por quem me escutava, e meu desejo de ser escutado fazia com que o que me teria tomado talvez várias sessões contar, pudesse dizer – telefone mediante – em apenas uma sessão. Ambos tensionávamos a corda ao extremo e ampliávamos os limites do que podia ser dito.

Se analisar como avatar for uma nova peripécia que transitará nosso ofício para que permaneça contemporâneo, talvez agora – há mais de um século de que Freud cunhou sua revolução teórica – começa verdadeiramente o segundo século. A psicanálise contemporânea se verá afetada por essa transmutação emergente, e analisar como avatar talvez seja o modo de entrar no novo milênio.

Se assim fosse, cada analista deveria reconsiderar a possibilidade de se analisar ele ou ela mesmo/a como avatar. Já não como um limite imposto por alguma conjuntura, mas para honrar a regra que em nossa disciplina manda que bebamos o remédio que prescrevemos. Se analisar como avatar terá certas peculiaridades, estas somente poderão ser verdadeiramente descobertas se quem analisa se submete a essa experiência, tanto como foi preciso se deitar por anos em um divã antes de poder escutar alguém

20. “*Verba volant, scripta manent*”: “As palavras voam, o escrito fica”.

mais. Analisar de modo remoto, tendo como experiência da própria análise tão somente uma análise tradicional, talvez potencialize os fantasmas nostálgicos de uma idade dourada que desvalorizem o novo dispositivo.

Porque se a realidade virtual nos surge em princípio como uma realidade real empobrecida, mera cópia plana de uma original mais rica, isso pode se subverter ao incluirmos as possibilidades de uma realidade aumentada²¹. Privando-nos da presença, talvez se potencializem vicariamente outros sentidos e levemos a escuta analítica a um extremo inusitado, extremando o que constitui o núcleo de nosso ofício, o ouvido.

Onde ocorre uma análise?

Se trabalhar como um avatar se tornar um novo modo de analisar, deveríamos estar atentos à emergência de achados. Talvez algum dia reconheçamos na pandemia o impulso para recuperar o frescor que, em mais de um século de psicanálise, se diluiu. Esse frescor da análise original, dos encontros clandestinos de um grupo marginalizado em torno de um pensador genial que inventou um novo dispositivo, que deu lugar a uma nova clínica e a um novo modo – a vários, na verdade – de teorizar o que descobria.

Analisar como avatar desloca a situação analítica tornando-a virtual, e nesse novo terreno de cristal líquido se potencializa seu caráter ficcional. Analista e analisante, de repente, se reconhecem na tela como atores de um drama – sempre transferencial, e nunca apenas transferencial – cujo script tem uma parte escrita e outra por se reescrever na análise, que libera espaço para a improvisação. O analista não só dirige o tratamento, orientado pela associação livre de quem se analisa, mas também cumpre papel de diretor dessa pequena ficção seriada na qual, de repente, se transformaram os encontros analíticos.

Enquanto episódios de uma série, vão dar lugar ao *suspense* que uma sequência de sessões também possui, mas uma mudança da passagem ao virtual é que o drama que se desdobra se *deslocaliza*. Já não está em tal endereço da cidade onde moro, dissolvem-se as zonas nas quais, nas grandes cidades, os consultórios analíticos convergiram e se agruparam. A cena que assistimos se torna impossível de localizar.

Mais além do que se perde, a atmosfera analítica pareceria liberar-se de algumas amarras também, como um tapete voador se eleva até o ciberespaço, potencializando a estranheiridade que a define. Pois ali não há língua oficial, não há fusos horários consoantes. Uma sessão ou uma supervisão, de repente, pode se realizar em dois fusos horários diferentes e até em duas línguas diferentes, e os honorários são pagos em uma moeda que não é nem a do analista nem a do analisante ou a de quem supervisiona o caso. De forma virtual, a análise deixa de ser uma prática provinciana (apesar de estar instalada em cidades cosmopolitas, a entropia ligada à permanência fomenta uma localização limitada) e volta a ser uma prática radicalmente estrangeira.

Para um analista trabalhando como um avatar, sentado horas frente a uma tela ou com um celular na mão, a noção de teletrabalho adquiere destaque. Um analista é, sabe qualquer um que tenha se deitado em um divã, alguém crucial na vida de seus analisantes, por momentos um

rumo que lhe dá sentido enquanto todos os outros sentidos se desdobram nesse espaço. Ao mesmo tempo, sabemos que se trata de uma ilusão que motoriza a cura, que se há algo chave no Sujeito Suposto Saber é seu caráter suposto, e se paga caro por qualquer extravio. Porque um analista é, de algum modo, apenas um telefonista, um desconhecido a quem se chama para falar com um outro, um médium, um conector entre mundos, entre cenas. O espaço transicional de uma análise se parece muito com a atmosfera nebulosa da consulta a um adivinho que se oferece como médium para falar com os mortos ou com os vivos que habitam em quem o procura.

Enquanto supervisionava uma colega que analisa uma paciente indiana residente nos Estados Unidos, uma menção da paciente remete ao lugar onde a análise ocorre. Não se refere a ele como um lugar virtual, um terceiro lugar se assim se quiser, localizado no ciberespaço. Também não se refere a esse lugar como o da cidade onde mora há dez anos, mas sim, por advérbios que utiliza, fala do lugar da análise como se estivesse na Índia, de onde a escuta sua analista. Para a paciente, analisar-se via Skype com sua analista é cruzar meio mundo para chegar a sua sessão em Nova Deli; a cena da consulta está claramente localizada ali. Essa localização não é consciente nem para a paciente nem para a analista, até que se faz presente na supervisão.

Em outro momento, a analista que supervisiona relata uma intervenção na qual interpretava sua paciente que não consegue se adaptar aos Estados Unidos, que leva tempo para construir uma relação com um lugar. Nesse momento, tem um lapso quando, referindo-se a esse lugar, o chama *here* (“aqui”) em vez de *there* (“ali”). Produz-se uma triangulação – em toda análise didática ocorre –, mas também no sentido da geolocalização. Unindo linhas de coordenadas da América do Norte, Ásia e América Latina, é possível situar um lugar preciso onde essa análise tem lugar. E por que não pensar que esse lugar possa ser variável para cada análise? Talvez seja preciso encontrar as coordenadas exatas de cada análise virtual: onde ocorre a análise, para cada paciente, com cada analista, inclusive em cada sessão.

Nestes novos tempos, recebo em consulta alguém que mora no exterior e tem dúvidas em ficar na cidade onde mora ou voltar para a cidade onde morou, em outro país. Talvez, como efeito inadvertido da sabedoria inconsciente de quem o indicou para mim – eu não moro nem em uma nem em outra cidade – motivo pelo qual, independentemente do que resolva, talvez jamais me veja pessoalmente. Ao mesmo tempo, por essa mesma restrição, posso escutá-lo *a partir de outro lugar*. Um lugar que não será isomórfico nem para as demandas de sua esposa nem para as de seus pais ou amigos, nem ao menos as dele mesmo no inevitável processo de se ajustar a todas elas, mas a de seu desejo ainda por descobrir.

A atopia do analista, este *no man's land* onde transcorre nossa prática é suportável enquanto se é uma presença física no consultório; na tarefa virtual talvez precise ser situada. Funcionaria então como uma ancoragem frente ao evanescente da prática virtual. Quando tudo que é sólido se desmancha no ar, temos que ter claro – como se pilotássemos planadores que precisam saber onde há correntes de ar quente que nos sustentem durante o voo – uma geolocalização precisa no espaço virtual. Necessitamos um mapa do céu.

21. Quando alguém visualiza o mundo real através de dispositivos que acrescentam informação virtual, enriquecendo a informação física existente.

A ficção que habitamos

Depois de meses de trabalhar três vezes por semana de modo virtual com uma paciente, recebê-la em meu consultório foi uma experiência estranha. Não reencontrava a mulher a quem escutava antes que a pandemia nos obrigasse a nos recluirmos, foi como se tivesse materializado uma imagem, como se um personagem de história em quadrinhos, de repente, tivesse adquirido um corpo, como se uma impressora 3D tivesse construído uma pessoa sobre o molde da imagem digital a quem tinha tratado durante quarenta sessões à distância.

Casualmente, o que a paciente trouxe nesse primeiro dia foi uma imagem. Literalmente, um vídeo que acaba de lhe chegar com uma imagem e a voz de seu marido falecido acidentalmente anos atrás. Um vídeo profundo que me pediu que assistisse, onde seu então jovem esposo fazia mágicas com seu filho pequeno, fazendo aparecer e desaparecer objetos.

A inquietante estranheza de receber a um corpo em meu consultório se replicava na visita de um fantasma do passado, não contado, mas *mostrado*. É difícil dissociar o fato de que tenha visitado pela primeira vez, de corpo presente, com o de tê-lo feito munida de uma imagem. Ambos, na solidão estranha de um consultório desabitado por meses, nos encontramos vendo juntos uma tela.

A imagem, da mesma forma que a palavra, produz-se a expensas das coisas. Mas também as recupera. Quando ouvia minha paciente me contar sobre sua angústia me mostrando o vídeo na tela de seu telefone, compreendi que há algo de magia em trabalhar desse modo. E que talvez a análise também deva ser pensada como uma arte, tanto da aparição como da desaparecimento. Trabalhamos sobre o perdido. Fazê-lo a partir da perda da presença, se conseguirmos não dissimular essa dimensão enganando-nos com miragens, talvez albergue uma potencialidade nada desdenhável.

Não apenas poderíamos trabalhar frutiferamente como avatares, mas – quando for possível recuperá-los – os encontros presenciais estarão acompanhados de uma saudável estranheza, não serão assumidos como naturais, os experimentaremos como contingências. E, como tais, vão se carregar de significados inéditos.

Por momentos, analisar como avatar lembra um filme de Woody Allen (1985). Em *A rosa púrpura do Cairo*, Mia Farrow, espectadora habitual de um mesmo filme, consegue chamar a atenção de um personagem, que pula da tela para a sala e foge do filme junto com sua fiel espectadora. Depois a trama inverte esse processo, e ela mesma entra no plano da tela para se converter em personagem do filme que costumava ver, como avatar de si mesma. Esse maravilhoso aparelho de produzir ficções que é o cinema desdobrava o que por si era um plano imaginário, inventava uma tela dentro da tela, e habilitava um portal entre uma e outra.

Depois de ter escutado várias vezes por semana, durante meses, uma paciente de um modo virtual, quando a vi novamente em meu consultório, recortada contra a janela de meu consultório (que ocupa o espaço de uma parede, do chão ao teto e de um extremo ao outro do cômodo), tinha a sensação de estar frente a uma situação similar, com os limites borrados entre uma cena e outra. Minha paciente – eu mesmo, talvez para ela – parecia um avatar encarnado, como na tradição indiana. E, ao mesmo tempo, de um modo irreal, plasmada ela mesma frente a mim²².

22. A mesma paciente, sensível ao dispositivo virtual, fazia uma clara distinção entre “realidade real” e “realidade ideal”. Entre ambas se desenvolvia a análise.

Longe de ter se produzido um reencontro com sua presença habitual, tinha se produzido um efeito de estranheza (por outra parte, consubstancial à análise) impossível de ignorar. Em vez de um corpo, frente a mim havia um tipo de holograma de um corpo, uma projeção tridimensional de um corpo que parecia não estar totalmente ali. Esta situação atípica indicará algo novo sobre o corpo em psicanálise? Não adquire importância o estatuto ficcional que encarnamos enquanto sujeitos, a dimensão de personagem que desempenhamos – e muitas vezes padecemos – no teatro do mundo?

Eu me vi ambivalente; por um lado, desejando voltar à antiga normalidade na qual recebia meus analisantes dia a dia no consultório; por outro lado, não sei se é conveniente perder essa estranheza que, ainda que sempre tenha existido, revelou-se agora de modo indesculpável.

A tela na qual vemos quem analisamos se comporta como a quarta parede no teatro, essa parede invisível que separa o público da cena, e que na análise se quebra em ambos os sentidos, o tempo todo, colocando em relação os mundos superpostos, os cômodos, separados e ao mesmo tempo articulados de forma virtual, entre os quais transcorre a análise.

Ao se intensificar artificialmente a dimensão de personagem, produz-se um curioso desvelamento paradoxal que despe o que cada um é enquanto se desfaz do vestuário e da maquiagem, o que resta de nós ao desfazer a ficção que habitamos.

Ao mesmo tempo, qualquer manobra que subtraia a passagem entre estes dois mundos superpostos adquire um efeito de estranheza, que inclui a angústia entre seus efeitos. Lidar com um ser de ficção em uma cena real, como ocorria no filme de Woody Allen, tem um efeito inquietante. Da mesma forma que quando um personagem de uma peça de teatro fala a um espectador convertendo em participante da cena alguém que estava fora da cena²³.

A dissecação que fez Lacan a partir de *Hamlet*, diferenciando o mundo, por um lado, a cena sobre o mundo (a peça teatral) por outro, e a cena sobre a cena (a cena improvisada pelos personagens da obra dentro da cena ficcional) torna-se particularmente relevante. Essa tripartição, que poderia corresponder de modo simplificado ao triplo registro do Real, do Simbólico e do Imaginário, malogra e se revolta. A cena sobre a cena aparece de repente como o mais real que temos, a cena permanece como o contexto fantasmagórico, a partir do qual nos vinculamos e somos capturados pelo fora, e o mundo, que parecia real, permanece como uma distante, nebulosa referência.

Pela via de intensificar o artifício, algo verdadeiro aparecerá com maior clareza.

Análise anfíbia

Se o sujeito que deu lugar para a invenção da psicanálise era o da desagregação de um império cosmopolita como o austro-húngaro, o da sexualidade vitoriana e a cultura letrada, qual é o sujeito que interpela hoje a psicanálise, em tempos em que nenhuma dessas coisas existem? Qual é o sujeito que corresponde a nossa nova civilização, a da Internet e das redes sociais, a da sexualidade menos reprimida que praticada, a da diluição dos textos impressos em uns quantos caracteres líquidos em uma tela?

23. Uma manobra à qual, na senda de Brecht, apela, por exemplo, M. Haneke no filme *Funny games* (2007).

Talvez este novo sujeito, ao que devemos aprender a interrogar, pareça-se mais a essa imagem que distinguimos como avatar em nossas telas do que às clássicas estampas de Dora ou o pequeno Hans saindo de seus históricos de heróis legendários. Com toda sua artificialidade, essa imagem que nos incomoda, que nos esgota, que nos deixa perplexos talvez seja a substância do sujeito contemporâneo.

A psicanálise capturou o *Zeitgeist* de sua época no que esse antecipava o futuro. Soube ser contemporânea um século atrás, com um método que implicava uma liberação inédita – falar sem ser julgado, e ainda sobre os temas mais escabrosos – e uma concepção da mente que se desligava das intenções e das ilações conscientes para privilegiar as ressonâncias do significante mais além do sentido. Desse modo, antecipava em seu método o que hoje em dia são formas naturalizadas de conceber o mundo, tais como a livre navegação, o surfar na web que é matriz de nosso modo contemporâneo de nos aproximarmos das coisas, e a mesma ideia de hiperlinks, palavras-chave que levam a outro lugar, a outra dimensão discursiva²⁴.

Sua mesma lucidez originária constitui hoje um limite, porque o que antes a psicanálise conseguia como experiência única e distintiva na modernidade sólida, cavando nela um lugar de alívio e liberdade sujeito a outras regras, hoje é paradigmático. A associação livre deixou de ser este modo particular de falar em análise para se tornar quase um modo de falar típico na era digital, que abre uma janela atrás da outra e alterna esferas discursivas sem escrúpulo. Se o sujeito que emergia da associação livre, o sujeito da psicanálise, tornou-se hoje paradigma do sujeito, devemos renovar a singularidade de nossa disciplina, caso contrário, a mesma particularidade que assegurou seu triunfo se converterá – não por ter fracassado, mas por ter triunfado – em sua marcha fúnebre.

A clínica do avatar é anfíbia, mestiça. Uma paciente que voltei a ver presencialmente está atrasada por manifestações que bloqueiam o acesso a meu consultório. Então, me liga e começa a falar, como se estivesse deitada no divã. Continua falando enquanto dirige até chegar, quase ao final de sua sessão, para terminá-la no divã, frente a minha presença. Suas associações se mobilizam enquanto dirige e continuam ao chegar; o modo remoto e o presencial se sucedem sem solução de continuidade, como se fossem escritos em uma fita de Moebius. Não poderia dizer que o que falou uma vez deitada era de outro natureza daquilo que falava enquanto dirigia; um circuito de palavras alinhava ambas as situações, a do divã móvel no que de repente se converteu seu carro e a do divã onde se deita ao chegar. A análise se revela capaz de respirar sob e sobre a água.

Será o futuro anfíbio? A cena que relato pareceria mostrar algo que será habitual. A mutação em curso não só dilui a função paterna e os modelos familiares tradicionais, também converte a lei de ferro da castração na hora do posicionamento sexual em um menu de opções identitárias; não só privilegia a superfície acima da profundidade ou a imagem acima da reflexão. Tanto como potencializa a atenção que, de repente, não só pode, mas também necessita se ocupar de mais de uma coisa ao mesmo tempo, como oferece um mundo digital que complementa o mundo físico. O que para nossa geração implica uma aprendizagem à marcha força-

24. Da mesma forma a inovação do Windows, com suas múltiplas janelas que se abrem ao navegante e permitem a multiplicação de cenas, tem um ilustre antecessor nos comentários talmídicos que se abriam como janelas a partir de outros comentários e outros mais, nas margens de um texto.

da²⁵, para os nascidos nesta época é uma realidade dada. E quando outra mudança geracional ocorrer, caso a psicanálise resista e mereça um futuro, o que hoje é excepcional se converterá em regra.

Seguindo o passo dos pacientes anfíbios, *tornando-nos anfíbios*, não só aumentamos nossas possibilidades futuras, mas somos fiéis ao passado fundacional da psicanálise. Ali, antes da institucionalização, os pioneiros não sustentavam nenhum pressuposto em relação ao que escutavam em sua clínica. Assim foi que, deixando-se guiar por seus pacientes, Freud abandonou primeiro a hipnose e depois a sugestão.

Talvez um risco de analisar como avatar resida em uma nova entropia, em diluir um espaço, que para ser eficaz, tem que conter certo mistério, e seu oficiante – o analista – estará dotado de alguma aura. A qualidade agalmática da qual falo contém generosidade pela transferência de quem se analisa, só que aqui conspira contra ela. E o faz tanto do lado de quem busca a consulta como do lado do analista.

Chegar a um consultório analítico – ainda mais se for em outra cidade – implica uma viagem. Mas além da dificuldade dos translados urbanos, dispor de tempo para ir falar diante de um outro das peripécias e angústias pessoais, prepara o espaço onde isso ocorre, e a volta lenta à cotidianidade contribui para a elaboração do trabalho. Se alguém pode ligar para seu analista em meio a tarefas domésticas ou profissionais, sem pausa tanto antes como depois de uma sessão, algo se perde.

Os jovens que saem para dançar ou quem conduz reuniões sabem, faz falta uma “prévia” antes de chegar à discoteca ou um “*warming up*” antes de uma atividade grupal, da mesma forma que em um show os grupos de abertura preparam a chegada dos artistas principais. Em tempos de análise digitalizada, perde-se essa disposição que não é só de tempo, mas de energia e concentração paulatina que se cristaliza no que pode chegar a se dizer na sessão.

Do lado do analista ocorre o mesmo, e assim como antes um analista ia a seu consultório – o que implicava na retirada de outras facetas de sua vida –, hoje ele pode atender em meio a outras atividades. Tanto como sua vida cotidiana pode se ver invadida pelo trabalho, o espaço do trabalho, as coordenadas particulares de sua escuta única, podem se ver ameaçadas.

O risco maior é que se produza uma *desritualização* de um espaço que deve boa parte de sua eficácia ao que encerra de ritual laico, uma máquina que libera através da palavra e uma escuta que a possibilita em um contexto de abstinência que atenua os perigos da sugestão. Mais além das cruciais teorizações que se sucederam para dar conta do que ali ocorre entre as mentes em jogo, evidentemente o dispositivo funciona *per se*. E enquanto ameaça a esse dispositivo, laico mas também sagrado, analisar como avatar traz perigos.

Talvez não se trate tanto de se lamentar pelo ritual perdido como de nos empenharmos em inventar um novo. Pois, como contrapartida, vamos nos acostumar a montar o dispositivo onde estivermos como se fosse um consultório de campanha, desmontável. Voltaríamos assim aos tempos originais, à conversa na montanha de Freud com Catarina, seu passeio com Mahler ou a análise epistolar com Fliess. Mas voltaríamos enriquecidos por um século e, ao mesmo tempo, tendo ganhado a leveza que a experiência digital favorece.

O ponto crucial é se poderemos e saberemos dotar de algum tipo de

25. Entre aqueles capazes de mudar também, o que está longe de ser a norma.

aura o encontro virtual. Talvez tenhamos que procurar ali, no oco do que falta, a possibilidade de uma reinvenção que se permita questionar se é necessário algum pressuposto teórico. Pois nem Freud, nem Lacan nem nenhum de nossos grandes teóricos previram as transformações que a tecnologia imprimiria ao humano.

Analisar como um avatar é nos incluímos, enquanto analistas, no que Alessandro Baricco estudou em *The game* (2018/2019), o novo mapa no qual a civilização digital se apoderou do mundo. Em sua opinião, o mundo físico funciona agora junto com uma cópia digital. Nós, os analistas, criaturas analógicas e anacrônicas, se formos inteligentes, conseguiremos nos converter em seres anfíbios, capazes de nos guiarmos no mundo físico e no ultramundo virtual, não como alternativas excluídas, mas como dimensões que se necessitam e inclusive se potencializam entre si. Em vez de lamentarmos pelo perdido, aproveitar a dupla força motriz da experiência analógica da que somos provenientes e a pós-experiência digital que faz tempo se instalou e a pandemia não fez mais que potencializar.

No futuro, que invadiu o presente como nunca teríamos imaginado meses atrás, o ofício de psicanalista, tão arraigado a uma cidade²⁶, de repente, se deslocaliza. Como avatar, um analista pode estar onde moram seus pacientes ou não, ou pode não ser rastreável, residir no ciberespaço. Não seria estranho que seu lugar oracular, essencial para a eficácia da interpretação, assim se visse potencializado. Então um analista, mais do que ser de uma cidade, será de uma língua. Ou talvez nem sequer isso, pois apesar de compartilhar a língua materna ser algo valioso, não o é menos o mal-entendido que se potencializa quando a língua materna do analista não é a mesma que a de quem se analisa ou supervisiona com ele. Olhando bem, uma prática que é nômade desde sua origem, se merece sobreviver neste século que muda, será mudando também.

Resumo:

Este trabalho tenta indagar a clínica tal como nos é apresentada de modo generalizado em tempos de pandemia. O que antes era ocasional e reservado a circunstâncias excepcionais – a análise remota – se tornou experiência generalizada.

Postula-se a noção de *avatar* – que o autor resgata da tradição indiana, por um lado, e dos videogames por outro – como a forma em que o analista trabalha no ciberespaço, explorando-se algumas das dificuldades inerentes a este novo modo de analisar. Ao mesmo tempo, se interrogam as possibilidades que esta modalidade de experiência digital permite e como um modo combinado – presencial e remoto – talvez se torne um novo modo de analisar, anfíbio, de acordo com os tempos por vir.

O texto se ocupa, tanto em suas explorações teóricas como nas vinhetas clínicas que apresenta, de uma mutação em curso. Portanto, pretende não asseverar nada com certeza, preservando a abertura e o não saturado de sentido, aberto à investigação da comunidade de analistas.

Palavras-chave: *Transferência, Experiência, Psicanalista, Distância, Escuta.*

26. Ainda que o modo de estar na cidade próprio do psicanalista seja sempre resguardando certa estrangeiridade, como metoikos, em Atenas, ou seja, não o radicalmente estrangeiro, mas estrangeiro que convive entre os atenienses, não totalmente identificado com sua comunidade.

Abstract

This paper attempts to investigate the clinic as it is widely presented in times of pandemic. What used to be occasional and reserved for exceptional circumstances – remote analysis – has become a generalized experience.

The notion of avatar – which the author rescues from the Indian tradition, on the one hand, and from video games, on the other – is postulated as the way the analyst works in cyberspace, exploring some of the difficulties inherent to this new way of analysis. At the same time, the possibilities that this mode of digital experience allows are being questioned, and how a combined mode – presential and remote – might become a new, amphibious mode of analysis, in keeping with the times to come.

The text deals, both in its theoretical explorations and in the clinical vignettes it presents, with an ongoing mutation. Therefore, it tries not to assert anything with certainty, preserving the openness and the unsaturated of sense, open to the investigation of the community of analysts.

Keywords: *Transference, Experience, Psychoanalyst, Distance, Listening*

REFERÊNCIAS

- Baricco, A. (2019). *The game*. Buenos Aires: Anagrama. (Trabalho original publicado em 2018)
- Benjamin, W. (s. f.). *Experiencia y pobreza*. (Trabalho original publicado em 1933). Disponível em: <https://semioticaenlamla.files.wordpress.com/2011/09/experienciabenj.pdf>
- Benjamin, W. (1989). *Sobre el concepto de historia*. Em W. Benjamin, *Discursos interrumpidos I*. Madri: Taurus. (Trabalho original publicado em 1942).
- Berman, M. (1988). *Todo lo sólido se desvanece en el aire: La experiencia de la modernidad*. México: Siglo XXI.
- Freud, S. e Pfister, O. (1966). *Correspondencia 1909-1939*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Greenhut, R., Payser, M., Sicilia, G. (prod.) e Allen, W. (dir.). (1985). *La rosa púrpura de El Cairo* [produção cinematográfica]. Estados Unidos: Orion Pictures.
- Jonze, S. (prod. e dir.), Ellison, M. e Landay, V. (prod.) (2013). *Her* [produção cinematográfica]. Estados Unidos: Annapurna Pictures.
- Lacan, J. (2007). *El seminario de Jacques Lacan, libro 10: La angustia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- McAlpine, H., Baute, C., Coen, C., Steinborn, A., Watts, N. (produtores) e Haneke, M. (diretor) (2007). *Funny games*. Estados Unidos, França, Reino Unido, Alemanha, Itália: Celluloid Dreams, Tartan Films, Film4 Productions.
- Melman, C. (2003). Entrevista a Charles Melman. Em A. Didier-Weill (comp.), *Quartier Lacan: Testimonios sobre Jacques Lacan*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 2001).
- Murakami, H. (2010). *¿De qué hablo cuando hablo de correr?* Barcelona: Tusquets. (Trabalho original publicado em 2007).
- Pavese, C. (2019). *Trabajar cansa/Lavorare stanca*. Medellín: Fallidos. (Trabalho original publicado em 1936).
- Quignard, P. (2012). *El odio a la música*. Buenos Aires: El cuenco de plata. (Trabalho original publicado em 1996).
- Reik, T. (1948). *Listening with the third ear: The inner experience of a psychoanalyst*. Nova York: Grove.
- Twain, M. (2016). *Las aventuras de Tom Sawyer*. Madri: Sexto Piso. (Trabalho original publicado em 1876).